



O JOGO DOS AFETOS

Maria Helena Charro¹

Resumo

Este trabalho levanta alguns conceitos sobre o corpo como texto e suas habilidades para se comunicar, ressaltando a importância dos afetos na primeira infância. De acordo com autores como Boris Cyrulnik, Asheley Montagu, Winnicott e outros, a carência afetiva, no período pré-verbal das crianças, pode ocasionar traumas os mais diversos; e quando a privação, o abandono e a rejeição são a própria história de vida das crianças, podem surgir os comportamentos antissociais, a delinquência. O modelo de estudo é sistêmico e polifônico, com literatura especializada, cursos, palestras, conversas com ativistas, contato com crianças que foram violadas em seus direitos e acolhidas em Abrigos.

Palavras-chave: Comunicação. Corpos. Afetos. Carência. Delinquência.

Penumbras

*Que este tempo seja breve. Que todos
possam novamente ver os vaga-lumes que
ainda sobrevivem.*

Para reafirmar a importância e o peso das noções e conceitos que florescem nos grupos de pesquisa da COMCULT, há um desejo incontido de lembrar a poética que

atravessa a obra *A sobrevivência dos vaga-lumes*, de Georges Didi-Huberman (2011), sobre os vaga-lumes, esses insetos luminescentes que já foram vistos por muitos de nós ao longo da

¹ Mestre em Comunicação, Membro do GP Ecologia da Comunicação e Cultura do Ouvir da Faculdade Cásper Líbero.

VCOMcult

o que custa o virtual?

vida. Huberman, nessa obra, retoma e amplia o tema, trazendo inúmeras metáforas e a própria literalidade desses insetos fluorescentes utilizados pelo imaginário de muitos artistas.

Miseráveis, como um fraco lampejo doloroso, de uma “mesquinha queimadura”, ou mais recentemente obscurecidos pelo neofascismo, quer seja pela claridade ofuscante do poder, quer seja pela sociedade do espetáculo e suas telas, os vaga-lumes morreram para muitos, como se a humanidade se deixasse levar pelo conformismo de um tempo em que a esperança tivesse se esvanecido, se exaurido, sobrando apenas a incredulidade de uma lenda, da desesperança, do lamento da perda do lúdico, da extinção dos vaga-lumes, diz Huberman (2011, p.13).

No entanto, prossegue, há os que fixam o olhar para longe dos holofotes e, como numa aparição, escondidos nas matas, longe das grandes cidades envoltas em nuvens de fumaça, os vaga-lumes sobrevivem e continuam a dançar na inocência de seus intermitentes brilhos. Eles podem ser vistos por alguns que não se deixaram levar pelo ceticismo, por aqueles que também não se deixaram cegar pela onipresença das luzes, dos clarões desses tempos. Considerar que os pirilampos foram extintos é restringir, reduzir “todo o profundo contemporâneo à atualidade das banalidades”, como nos alerta Didi-Huberman (2011, p. 63). Esses sinais intermitentes de pequena luminosidade podem ser vistos nas bordas, nas margens, onde habitam como comunidade clandestina de resistência.

Pensar como comunidade de vaga-lumes é resistir ao ofuscante poder da massa de imagens, ao tecnocentrismo, é considerar que cada um desses excedentes pirilampos, por menor, mais insignificante e periférico que seja, sobrevive e continua a produzir seus efeitos, a produzir a diversidade das coisas, do pensamento, um desvio à deriva do centro hegemônico da plutocracia, do homogêneo da subserviência anestesiado pelos mídia, da perda do corpo na virtualidade. É possível, sim, subtrair os clarões, ajustar a íris quando a noite chega, adaptar-se à penumbra, porque, como diz o filósofo Peter Pal Pelbart (2014), precisamos da penumbra para enxergar as estrelas, é preciso enxergar aquilo que de imemorial ainda brilha, por mais que esteja se afastando de nós.

Michel Serres fala sobre o viver nas penumbras:

Gosto de viver na obscuridade, no sentido material como no moral – o homem de visão não goza de liberdade –, eu me exercito em ver no escuro... Meu corpo de sombra sabe avaliar as sombras, desliza entre elas, entre o silêncio delas, dir-se-ia que

V Mcult

o que custa o virtual?

as conhece... a pele toda vive. A luz negra é tão rara que quase tudo é feito sem o menor acréscimo de luminosidade, até caminhar por uma estrada em curvas, sem a lua. A planta do pé começa a saber mais, os ombros roçam os galhos, a pedra do córrego brilha serenamente. Viver se satisfaz com penumbras (SERRES, 2001, p. 63).

É com esse sentimento que nos referimos à COMCULT, em especial ao grupo de pesquisa Ecologia da Comunicação e Cultura do Ouvir da Faculdade Cásper Líbero, pequenas comunidades de resistência, não apenas como produtoras de conhecimento, mas também pelo seu potencial de reflexão e participação na transformação social, abrindo espaços para o estudo do corpo e seus desdobramentos na cultura contemporânea, uma primeira mídia, como disse Harry Pross, em 1972; e, no sentido semiótico, um texto que carrega muitos outros textos, como platôs, onde se guardam reminiscências, afecções, sonhos, projetos, devires, utopias, loucura, como pontuou Norval Baitello (1999) já nos idos de 1999. É primeiramente com o corpo que interagimos e nos comunicamos.

Visitações

O conceito semiótico de corpo como comunicação, como texto, nos remete a outras nomeações como caixa de ressonância, misturas, fluxos e atmosferas que nos atravessam, caosmose e seus agenciamentos, surgindo daí a subjetivação, a singularidade. Um corpo aberto à multiplicidade de afecções as mais dóceis e as mais danosas como a experimentação do abandono, da violência simbólica, da evacuação de refugiados em tempos de guerra, da desocupação de áreas para empreendimentos imobiliários, da perda da terra para a construção de usinas.

É pela pele e suas porosidades que as contaminações atravessam o corpo, mergulhando profundamente no sentido interno. Como Serres (2001) nos lembra, a pele é toda gravada, impregnada de memórias visíveis e invisíveis: a pele historiada traz a sua visibilidade estampada e impressa, como os desgastes, as cicatrizes e as feridas, os maus-tratos, os sulcos e as rugas de esperanças dissipadas. Enquanto o invisível também está impregnado na pele como os traços imprecisos de murmúrios, carícias, chamuscas, timidez, arrogâncias. (SERRES, 2001, p. 18). São afecções que se movimentam, atravessam a pele, alojam-se no corpo. Peter Sloterdijk, em sua obra *Esferas* (2009), diz que o corpo é um receptáculo oco, penetrável, frágil e sensível às visitas: uma intimidade que se dobra e se

V COMcult

o que custa o virtual?

desfaz aos caramelos, não mais herói, como Zaratustra, mas possuído pelos seus semelhantes, onde a reflexão humana evidencia que há um jogo incessante de contágios afetivos.

Mas, o homem sábio para Spinoza é aquele que utiliza a sua potência de agir, o seu intelecto para refrear e regular os afetos lúbricos ou negativos, pois que não temos domínio absoluto sobre eles. Regulando os afetos indesejados, podemos aliviar sofrimentos, padecer menos, continua Spinoza, surgindo desse conceito a diferença entre servidão e liberdade, entre sujeição e o novo homem. (SPINOZA, 2013, p. 213). Inaceitável, assim, oferecer caramelo aos heróis, eles rejeitam e desdenham o adocicado; uma prova do descontrole do leme seria perder o poder soberano do gênero masculino, referindo-nos aqui ao pensamento de Sloterdijk.

Sabemos que o projeto humanista, do bom homem universal, fracassou há muito tempo, mas o horror dos refugiados de guerra em direção ao continente europeu transformado em catástrofe, continua a nos afetar, como continuam a nos chocar o holocausto, as bombas, o desmatamento e a nuvem grossa de poluição e fumaça. Para substituir o projeto humanista colapsado, está em curso um novo projeto, o da biotecnologia. Ou seja, a antropotécnica, que tem como proposta explícita intervir na seleção pré-natal visando a um futuro evolucionário da espécie, uma realidade temerária de higienismo e eugenia, de acordo a polêmica palestra intitulada “Regras para o parque humano”, de Sloterdijk, em 1999, na Baviera. Apenas para ilustrar essa realidade, lembramos um caso muito próximo a nós sobre a seleção natural: uma homossexual pretendia gestar uma criança sem a relação sexual. Foi a um banco de esperma e escolheu o doador: homem branco, cabelos escuros, olhos azuis, quociente de inteligência superior, e ainda estabilizado profissionalmente. O bebê nasceu segundo as características físicas desejadas, e a mãe está radiante. Sobre as outras características psíquicas e comportamentais ainda não se tem conhecimento. Ele tem apenas quatro meses de vida.

Serres (2001, p. 57) diz que reclamamos da manipulação genética: “[...] toda gênese presta-se a uma tal manipulação, todo indivíduo, todo organismo pode se considerar esfinge ou licorne, quem teria a ousadia de se dizer, não mestiço, rigorosamente?”. Os denominados xamãs e os feiticeiros coabitam com os animais, eles não são os animais, nem tampouco os animais tornam-se humanos. Deleuze e Guattari dizem que num devir-animal, ou seja, numa coexistência, “estamos sempre lidando com uma matilha, um bando, uma população, um

V COMcult

o que custa o virtual?

povoamento, em suma, com uma multiplicidade [...]. A multiplicidade que nos fascina já está em relação com uma multiplicidade que habita dentro de nós?” (DELEUZE; GUATTARI, 2008, p.19, 20). Essa multiplicidade de coexistências implica substituir o fracassado conceito do antropocentrismo por uma ecologia de seres, fantasmas, animais da terra, trazidos pelo vento, onde “o Universo não funciona por filiação de espécie”, onde os “bandos, humanos e animais, proliferam com os contágios [...], sem hierarquias” (DELEUZE E GUATTARI, 2008, p. 23).

O espaço íntimo e seus contágios

Voltando à concretude das intervenções tecnológicas sofisticadas para a seleção da espécie humana, sabemos, também pela ciência, que a manipulação genética não garante características psíquicas. Elas se constroem, são contaminadas pela primeira experiência do entorno, e o espaço íntimo a ser construído depende dos visitantes desse primeiro jogo de afetos. Lembramos da lúdica e envolvente simbiose da gestação, do invólucro protetor, úmido e quente da placenta, já com a percepção tátil desse espaço interior, apresentando o primeiro vínculo da constância da escuta de uma primeira voz feminina. Uma real coexistência, a comunicação simbiótica, um duplo indissolúvel e imanente, onde não existe exterior, claridade ou representações, mas penumbras, com um envoltório de segurança e conforto, um primeiro habitat.

A manutenção de segurança e conforto na gestação não deve cessar com o nascimento do bebê, como todos sabemos, ao contrário, a proximidade do contato, os jogos de afetos, como os embalos rítmicos, as canções, os banhos e seus toques suaves tranquilizam, são essenciais para o desenvolvimento sadio de uma criança. Ao fracassar esse primeiro invólucro na infância, no período pré-verbal, haverá psicoses, loucuras, desassossegos. O colapso afetivo provoca distúrbios comportamentais, lesões cerebrais da emoção, como o atrofiamento do sistema límbico, tornando-a confusa e geralmente sem controle emocional. Acontecimentos e experiências de forte impacto não se apagam, são visitas intrusas que permanecem no mundo íntimo da criança, criando marcas no corpo e na mente, conforme o etólogo Boris Cyrulnik, Ashley Montagu, Winnicott e outros tantos estudiosos sobre o tema.

V COMcult

o que custa o virtual?

A carência de afetos na primeira infância pode desenvolver traumas os mais diversos, de acordo com Boris Cyrulnik (2005). Quando solicitadas, as crianças não conseguem elaborar um sistema mental de quietude, reagem sempre estressadas, e em qualquer ocasião, quando chamadas, produzem um estado de alerta, como a aceleração dos batimentos cardíacos, o rubor na face, o embotamento da cognição. Maltratadas, “elas estão sempre em guarda, elas são sérias, atentas ao menor indicador comportamental do adulto e apresentam uma tendência a comportamentos extremados. “Uma sombrancelha crispada, uma tensão na voz, uma boca franzida”, são traduzidos em perigo. (CYRULNIK, 2005, p. 27). Um sofrimento que as torna retraídas, infelizes e mesmo melancólicas, como o foi Marilyn Monroe, na descrição de Cyrulnik (2005).

Há evidências que sugerem ainda que a privação das necessidades táteis pode ocasionar traumas maiores como o autismo, quando não são determinantes os fatores genéticos, ou a personalidade esquizoide, sem emoção alguma, alheia aos outros, como o *double bind* estudado por Gregory Bateson, ou ainda desligados do entorno, os que têm aversão ao contato da pele chegando a estremecer, a exemplo de George Washington, lembra Montagu (1988). Basta observar encontros cotidianos no entorno e deparamos constantemente com adultos que possuem as mesmas características comportamentais, sem qualquer emoção.

Consideradas como seres inferiores na maioria das vezes e porque são as mais vulneráveis na hierarquia da família nuclear, as crianças, mais do que as mulheres, sofrem violências as mais diversas. O último dado estatístico - fornecido este ano pelo Instituto Fazendo História (2015) - sobre denúncias contra os direitos das crianças, relacionado apenas às 40 mil crianças acolhidas no Brasil, sendo cerca de 8 mil no Estado de São Paulo, indica que mais de 36% dos casos de violência estão relacionados à negligência familiar, seguidos da dependência química dos responsáveis (20,1%), violência física (10,8%), crianças em situação de rua (10,1%), carência de recursos da família (9,7%), violência sexual doméstica (5,55%) e, por último, a orfandade 4,4%. No Brasil, as denúncias de violência são apenas uma parte das incontáveis agressões cometidas contra crianças, isto é, muitos casos acabam fora das estatísticas e são justamente esses os casos denominados de prevalência, aqueles que existem na vida real, longe das estatísticas, demonstrando a tese, segundo a psicóloga Maria Amélia Azevedo (2011), do ex-LACRI/IPUSP, de que há uma cultura camuflada de abandono infantil no país. Do outro lado, quando há denúncias de violência, muitas crianças e

V COMcult

o que custa o virtual?

adolescentes são afastados de suas famílias, e aqui vale lembrar a frase de Boris Cyrulnik (2005), de que as crianças sem família valem menos do que as outras, elas são estigmatizadas, alvo de *bullying* e sofrem a dor da espera de uma adoção, ou mesmo o retorno ao lar.

Pressupõe-se que a negação da carência de afetos não está relacionada a determinadas classes sociais, aos grupos mais vulneráveis como o pobre e o negro, mas a uma falta de compreensão e intuição sobre o papel familiar e a tradicional crença de que crianças são seres inferiores. Ermínia Alonso (2015), representante eleita junto ao Conselho Tutelar da Lapa, ressalta que não há diferença entre as classes, apenas perfis diferentes de violência. Ela conta o caso de um menino trancafiado num quarto repleto de aparelhos de última geração, enquanto a mãe se negava a falar com ele. Infelizmente, a sociedade contemporânea luta contra o relógio para estar em todos os lugares e atividades ao mesmo tempo, sobrando-lhe pouco, muito pouco tempo para a afetividade, como se, com o passar do tempo, as crianças acabassem se acostumando com ausências e friezas do mundo adulto, e assim, no mínimo, no futuro terão esse modelo para mimetizar.

Winnicott, em seu livro *Tudo começa em casa* (1996), trabalhou com crianças na Segunda Guerra Mundial durante a evacuação da Grã-Bretanha, e a partir de trabalhos e pesquisas em campo, divulgou amplo relatório, incluindo o de seus assistentes, sobre os comportamentos antissociais, revelando que a delinquência está inerentemente ligada à privação, uma tendência que não se relaciona com uma carência afetiva, da qual podem surgir as psicoses e que são socialmente aceitas. (WINNICOTT, 1996, p. 72). A tendência antissocial, conforme o autor, está relacionada principalmente com o abandono, a falta de um reconhecimento de que ela existe. Quando essas privações ocorrem, “a criança perde o contato com os objetos, perde a capacidade de encontrar qualquer coisa criativamente”. Alcança um objeto e o rouba..., argumenta Winnicott (1996, p.73). No entanto, não se está falando em determinismos, mas de fortes possibilidades, uma vez que cada criança responde de maneira peculiar. Mas, “quando a privação durou tempo demais, quando a extinção psíquica foi total, ou quando o novo meio não soprou as brasas da resiliência, a criança terá dificuldade de retornar `a vida.” (CYRULNIK, 2005, p. 27) .

Para ilustrar uma das histórias de vida de jovens que ingressam no mundo dos pequenos delitos e em seguida tornam-se delinquentes, o filme, de 1959, *Os incompreendidos* (*Les quatre cents coups*, expressão popular equivalente em português a pintar o sete), de

V COMcult

o que custa o virtual?

François Truffaut, é uma preciosidade. O jovem adolescente Antoine Doinel é vítima de negligência e maus-tratos, sem possibilidade de diálogo com a mãe. Tendo ao seu lado um amigo e confidente, Antoine começa a causar problemas na escola, comete pequenos delitos e acaba sendo delatado pelo pai adotivo para a polícia. Já no Centro de Observação para Jovens Delinquentes cumprindo pena, Antoine narra para um psicólogo a sua história de vida relatando o conhecimento da rejeição e abandono da mãe, a experiência de viver por um período com a avó, a permanência em abrigo, e ao final o retorno à casa materna com o pai adotivo.

Em palestra sobre violência contra crianças, no Sedes Sapientiae, o desembargador Antonio Carlos Malheiros (2015), do Tribunal de Justiça de São Paulo, preferiu contar histórias de violência a teorizar sobre o tema. Disse ele que essas histórias “acontecem onde a ciência não está”, elas são encontradas “na poeira das ruas, nos esgotos das favelas, nas celas do terrível sistema carcerário, na cracolândia, nos hospitais”. Numa dessas andanças, Malheiros conta que conheceu um menino que aos 9 anos já tinha matado. Teve de matar. A mãe trazia para o barraco tios diferentes e trazia junto outros meninos, que faziam ele ser mulherzinha. Um dia ficou esperando os meninos com um caco de vidro na mão e matou um deles. Foi jurado de morte, mas não quis sair da comunidade, a família dele eram as crianças do entorno. Alguns meses depois tomou um tiro na Praça da Sé.

Malheiros narra ainda o encontro que teve há pouco tempo com um adolescente de 15 anos, armado com seu ‘tresoitão’ na cintura. O jovem disse que os traficantes chegaram antes dos homens do Estado, da sociedade civil, e levaram dignidade, coisa que os homens da lei nunca deram. E, se fosse morto numa briga entre facções ou numa tomada do morro pela polícia, ele não se importava, porque enquanto estivesse vivendo, viveria com dignidade. Segundo Malheiros, nós somos o Estado que não chegou à vida deles há tempo, não chegou à família desestruturada, e não será a prisão que vai assustá-los, e não há alternativa senão exigir educação pública de qualidade. (MALHEIROS, 2015).

Os ativismos sociais contra a redução da maioria penal também fazem parte das pesquisas desenvolvidas pelo professor Roberto da Silva no departamento de Educação da USP. Esses estudos e pesquisas indicam que há um pequeno número de adolescentes que comete atos infracionais, no entanto, com o sensacionalismo da grande mídia no Brasil, “os adolescentes infratores tem sido apontados como responsáveis pela insegurança pública de

V COMcult

o que custa o virtual?

norte a sul do país” (SILVA; SOUZA NETO; PINI, 20014, p. 31). Entre os itens apontados contra a redução da maioria penal, os pesquisadores ressaltam que “a pesquisa e o conhecimento científico sobre o campo do social produzido na universidade ainda não produz impacto na atividade legislativa” (SILVA; SOUZA NETO; PINI, 2014, p. 31). As distorções começam na grande mídia, dizem os pesquisadores da USP, especialmente na televisão com apresentadores facilmente identificáveis, e que se consideram os representantes da opinião pública, dos eleitores, produzindo suas verdades e criando um jogo de manipulações entre o programa, os espectadores e os parlamentares. Um reacionarismo que está em pauta no parlamento.

Jovens sem causa estão espalhados, não apenas na América Latina, mas no mundo todo. São eles o alvo do aliciamento ao tráfico, do recrutamento para engordar exércitos fascistas. Quem sabe os extremistas do Isis (Estado Islâmico) e do Boko Haram já não estejam por aqui oferecendo uma causa e dignidade!

O que custa o virtual

Inspirados em Sloterdijk, podemos dizer que estamos imersos e encapsulados na artificial tecnologia, no que de melhor o virtual nos proporciona. Nós nos sentimos imunes às contaminações e infecções, às epidemias. Temos o poder de escolher as cenas e as notícias que nos interessam, deixando de lado aquilo que nos impacta e poderia tirar o sono. Outra esfera, outro invólucro, com pensamentos que podem ser nômades, mas de corpo imóvel, com a perda de afetos, dos fluxos, das atmosferas, dos contágios e dos contatos. Não é a economia dos afetos, é a ausência deles, que não repercutem na pele porque não existem.

E a tecnologia tem seus paradoxos e incoerências, modificando todo o processo de vida, do espaço e do tempo, em que os homens passam a ser meros usuários, subservientes a um programa determinado pelas máquinas, como pontuam Norval Baitello, Eugenio Menezes, Malena Contrera e Vilém Flusser. Muito oportuno é seguir a melhor definição de movimento, conforme Norval Baitello (2011), de que “movimentos são sempre motins e revoluções”.

Voltar às ruas como multidão, fazer as lindas bolhas de sabão, que tão bem Sloterdijk descreveu, andar pelas ruas empoeiradas, recuperar a dignidade perdida.



Referências

- ALONSO, Ermínia. Conselho Tutelar da Lapa. Entrevista em setembro de 2015.
- AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane A. (Orgs). **Infância e violência doméstica**. São Paulo: Cortez, 2011.
- BAITELLO, Norval. As Mídias antes da máquina. CISC, outubro de 1999.
- _____. “Imagem e emoção”. Movimentos interiores e exteriores. Seminário Emoção e Imaginação. São Paulo:SESC, 2011.
- CONTRERA, Malena Segura. **Mediosfera; Meios, imaginário e desencantamento do mundo**. São Paulo: Anablume, 2010.
- CYRULNIK, Boris. **Os patinhos feios**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. **O murmúrio dos fantasmas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: 34 2008. Vol. 4.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- OS incompreendidos (*Les quatre cents coups*). Direção de François Truffaut. França: Cocinor, 1959. Longa metragem (1h39).
- Instituto Fazendo História. Curso para “formação de voluntários”. Disponível em: <<http://www.fazendohistoria.org.br/>>. São Paulo: setembro 2015.
- MALHEIROS, Antônio Carlos. Palestra. “As diferentes violências na Família”. Evento da Rede de Polos de Prevenção à Violência Doméstica. Instituto Sedes Sapientiae. São Paulo, 17 de setembro de 2015.
- MENEZES, José de O. “Comunicação, espaço e tempo”: Vilém Flusser e os processos de vinculação. Revista Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo: v. 6, n. 15, março 2009.
- MONTAGU, Ashley. **Tocar, o significado humano da pele**. São Paulo: Summus, 1988.
- PELBART, Peter Pal. Curso de filosofia. “Figuras da Subjetividade”. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2014.
- SPINOZA, Baruch de. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- SILVA, Roberto da; SOUZA NETO, J. C.; PINI, F. O. (Orgs.). **Pedagogia social, ciência da delinquência: o olhar da USP sobre o ato infracional, o infrator, as medidas socioeducativas e suas práticas**. São Paulo: Expressão e Arte, 2014. Coleção Pedagogia Social, V. 6, 304 p.
- SERRES, Michel. **Os cinco sentidos**. Filosofia dos corpos misturados. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- SLOTERDIJK, Peter. **Regras para o parque humano**. Uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- _____. **Esferas I**. Burbujas: Microesferologia. Madri: Siruela, 2009.
- WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- WINNICOTT, D. W. **Privação e delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

V  **COM** **cult**

o que custa o virtual?